

Patrícia Pereira
Queiroz da Purificação

Arte e Cultura na Educação Profissional e Tecnológica

Poliana
Daré Zampirolli
Pires

Contos, Crônicas e Poesias



PROFEPT

MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL
Espírito Santo



**Edifes
ACADÊMICO**

Arte e Cultura na Educação Profissional e Tecnológica

Contos, Crônicas e Poesias

Patrícia Pereira Queiroz da Purificação
Poliana Daré Zampirolli Pires

Arte e Cultura na Educação Profissional e Tecnológica

Contos, Crônicas e Poesias

1ª Edição



Edifes
ACADÊMICO

Vitória-ES, 2024



Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito
Santo - R. Barão de Mauá, n. 30 - Jucutuquara - Vitória-ES - 29040-689
www.edifes.ifes.edu.br | editora@ifes.edu.br

Reitor: Jadir José Pela
Pró-Reitor de Administração e Orçamento: Lezi José Ferreira
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional: Luciano de Oliveira Toledo
Pró-Reitora de Ensino: Adriana Pionttkovsky Barcellos
Pró-Reitor de Extensão: Lodovico Ortlieb Faria
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: André Romero da Silva
Coordenador da Edifes: Adonai José Lacruz

Conselho Editorial

Lívia de Azevedo Silveira Rangel • Aldo Rezende • Rafael Vargas Mesquita dos Santos • José Carlos Thompson da Silva • Maria Madalena Fernandes Poletto Oliveira • Janderson Albino Coswosk • Vitorio Correa Junior • Gabriel Domingos Carvalho • Rutinelli da Penha Fávero • Aline Freitas da Silva de Carvalho • Giovany Frossard Teixeira • Maurício Novaes • Viviane Bessa Lopes Alvarenga • Rossanna dos Santos Santana Rubim

Revisão textual: Mercia Viana
Diagramação: Rossanna dos Santos Santana Rubim
Capa e projeto gráfico: Aylash Windstorm

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P985a Purificação, Patrícia Pereira Queiroz da, 1977-

Arte e cultura na educação profissional e tecnológica [recurso eletrônico] : contos, crônicas e poesias / Patrícia Pereira Queiroz da Purificação e Poliana Daré Zampirolli Pires. – Vitória, ES: Edifes Acadêmico, 2024.

1 recurso digital : ePub ; 73 p.

ISBN: 978-85-8263-875-0 (e-book).

Inclui bibliografia.

1. Arte na educação. 2. Cultura na educação. 3. Literatura - Escrita. 4. Práticas de ensino. 5. Ensino profissionalizante – Aspectos culturais. I. Pires, Poliana Daré Zampirolli. II. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. III. Título.

CDD 21 –371.3028

Bibliotecária Rossanna dos Santos Santana Rubim – CRB6-ES 403

DOI: 10.36524/ISBN 978-85-8263-875-0

©2024 Patrícia Pereira Queiroz da Purificação.

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
4.0 Brasil



Descrição técnica do produto

Nível de ensino a que se destina: Ensino Básico.

Área de conhecimento: Ensino.

Público-alvo: público em geral, especialmente professores, alunos e pesquisadores da Educação Profissional e Tecnológica.

Categoria: didática/institucional.

Finalidade: auxiliar professores e profissionais com atuação nas práticas de Arte e Cultura na Educação Profissional e Tecnológica.

Organização do produto: o produto foi estruturado em duas partes, a fim de inspirar educadores, alunos e a comunidade escolar com o incentivo e a promoção de arte e cultura no contexto da Educação Profissional e Tecnológica.

Disponibilidade: irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Registro do produto: Biblioteca Nilo Peçanha do Ifes Campus Vitória.

Divulgação: meio digital.

Idioma: português.

Cidade: Vitória-ES.

País: Brasil.

Ano: 2024.

Origem do produto: trabalho de mestrado intitulado “Arte e Cultura na Educação Profissional e Tecnológica: uma experiência com escrita literária no Ensino Médio Integrado”, desenvolvido no programa Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Ifes.

Comissão científica examinadora do produto: Marta Helena Blank Tessmann (Instituto Federal Sul-rio-grandense), Letícia Queiroz de Carvalho (Instituto Federal do Espírito Santo) e Luciane Serrate Pacheco Bacheti (Instituto Federal do Espírito Santo).



AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem aos seguintes colaboradores do campus São Mateus, do Ifes:

Docentes

Carolina Lomando Canete
Gledson Melotti
Jardel Merlim Faria
João Victor Soares Chagas
Juliana Junca Zaché
Maurício Paulo Rodrigues
Renato do Nascimento Siqueira
Rivana Zache Bylaardt
Wilson Obéd Emmerich

Técnicos Administrativos em Educação

Jaciara da Costa Rodrigues Felix
Marcelo de Oliveira Duarte

Diretor-Geral

Eros Silva Spalla

Diretor de Administração

Evanilton Neri Oliveira

Diretor de Ensino

Carlos Eduardo Silva Abreu

Diretor de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão

Cristiano Luiz Silva Tavares

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	8
 Parte I	
OS PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA	13
MEMÓRIAS ACADÊMICAS	15
CARTA ABERTA AO DEVANEADOR DE PRIMEIRA VIAGEM	16
O CAMINHO	18
O COMEÇO DO FIM	19
ACORDADO EM SONHOS	20
O INÍCIO DE UM SONHO	21
RETROSPECTIVA	23
VIVA MEMÓRIA	24
QUE TAL A GENTE MANTER CONTATO?	25
INSONE	27
UM MENINO E UM SONHO	29
AUTOESTIMA	31
Ayrton Senna, o Bairro	40
 Parte II	
O PRODUTO EDUCACIONAL DA PESQUISA	44
O PROJETO	47

METODOLOGIA	51
Primeira roda de conversa	53
As conversas.....	54
Segunda roda de conversa	56
As conversas.....	57
As leituras	60
4º EIV.....	60
4º MIV.....	61
VIDAS E VALORES	63
AS OFICINAS E OS DESAFIOS	66
APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL E CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

PREFÁCIO

Como revisora e preparadora de textos literários, raramente me sinto atraída por revisar trabalhos acadêmicos, mas este possui algo especial: é um produto educacional que resulta do incentivo à leitura e à escrita de textos literários. Este projeto foi desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes), em colaboração com alunos do 4.º ano do ensino médio integrado, dos cursos técnicos em eletrotécnica e mecânica, e proporcionou a eles a oportunidade de expressar seus conhecimentos com criatividade de maneira significativa.

Nas páginas deste livro, você encontrará contos, crônicas e poesias concebidos por esses jovens talentosos, além dos caminhos de pesquisa e práticas que resultaram na realização desta obra. Projetos assim podem promover a leitura e a escrita, permitindo que os alunos descubram sua voz como leitores e autores. Por meio da produção de textos literários, eles expressam suas visões de mundo e desenvolvem o olhar crítico sobre o que observam.

Ao ser convidada pela Patrícia para escrever este prefácio, eu me senti honrada por fazer parte de algo tão grandioso. Este livro não apenas celebra a criatividade dos alunos, mas também destaca a importância de iniciativas que incentivam o amor pela leitura e pela escrita.

Convido você a desfrutar do conteúdo literário deste livro e a se envolver nas etapas que deram vida a este projeto, descritas pela autora no decorrer das páginas. Que esta obra seja inspiradora para aqueles que desejam fortalecer o vínculo entre a educação e a leitura e escrita de textos literários.

Boa leitura!

Mercia Viana
revisora e preparadora de textos

APRESENTAÇÃO

O livro que você está lendo agora representa um conjunto de esforços empenhados durante a aplicação da pesquisa intitulada “ARTE E CULTURA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA COM ESCRITA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”. O estudo foi orientado pela professora Dra. Poliana Daré Zampirolli Pires e realizado por mim, Patrícia Pereira Queiroz da Purificação, com alunos do 4.º ano do ensino médio integrado – dos cursos técnicos em eletrotécnica e mecânica – do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes), Campus São Mateus. Trata-se de conteúdos que constituem o Produto Educacional (PE) da pesquisa, desenvolvida no curso de mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), ofertado em rede nacional, coordenado pelo Ifes, tendo sido cursado no Ifes Campus Vitória.

Este produto tem o objetivo de contribuir para que práticas educacionais que destacam e valorizam a arte e a cultura possam ser promovidas cada vez mais no âmbito da educação profissional e tecnológica. Dessa forma, organizamos este material em duas partes: a primeira destina-se a proporcionar ao leitor uma imersão na riqueza dos textos literários produzidos pelos participantes da pesquisa; a segunda, por sua vez, visa satisfazer a curiosidade sobre os principais referenciais teóricos e metodológicos do projeto. Nesse contexto, nossa preocupação maior é proporcionar condições para a replicação do estudo, incentivando que novas pesquisas busquem trabalhar sobre a dimensão da cultura na EPT.

Reiteramos que a primeira parte apresenta a coletânea de contos, crônicas e poesias produzidos por meio de um projeto de

intervenção em sala de aula. Boa parte deste projeto foi satisfatoriamente concretizado porque pudemos contar, também, com a colaboração de alguns professores e servidores técnico-administrativos do campus, os quais ajudaram cedendo suas aulas e/ou mediando as práticas educativas.

Outrossim, a proposta deste trabalho não buscou abordar temas específicos, mas optou por dar o máximo de liberdade aos escritores, a fim de que pudessem demonstrar seus interesses, discutindo o quê, por que e para quem queriam escrever. Dessa forma, a maioria dos poemas traz lembranças vivenciadas pelos estudantes, retratando o ingresso no ensino médio em uma instituição de peso (expressão utilizada em um dos textos), que simultaneamente ocorre com o advento da pandemia da Covid-19. Nelles, vimos o sentimento de luta, de momentos de fragilidade humana, de desafios mútuos e de muita superação.

A crueza de sentimentos dos personagens é um aspecto que pode ser apreciado em alguns textos, assim como é possível verificar a postura otimista, a vontade de deixar mensagens sinceras e positivas aos seus leitores. Em geral, seus protagonistas, sejam em sonhos, em pesadelos ou em alguma realidade, sempre vencem nos desfechos das histórias contadas aqui.

Assim, temos oito poemas, três contos e duas crônicas. São textos que tratam de diversos temas e que demonstram sensibilidade, senso crítico, responsabilidade social, dentre outras características que podemos observar em seus autores. Na parte dois, apresentamos os caminhos da pesquisa, seus objetivos, a metodologia adotada e o percurso que nos conduziu à elaboração deste material/produto/recurso educacional. O intuito é mostrar que, por meio da produção de contos, crônicas e poesias, é possível desenvolver estratégias e promover arte e cultura na educação pro-

fissional e tecnológica. Além disso, apresentamos o que é o produto educacional, sua tipologia, seus principais referenciais teóricos e metodológicos a fim de que seu objetivo seja alcançado. Interessou-nos destacar a construção das ideias que levaram o grupo a produzir os textos de forma espontânea, que, somada à valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, buscou proporcionar uma aprendizagem significativa.

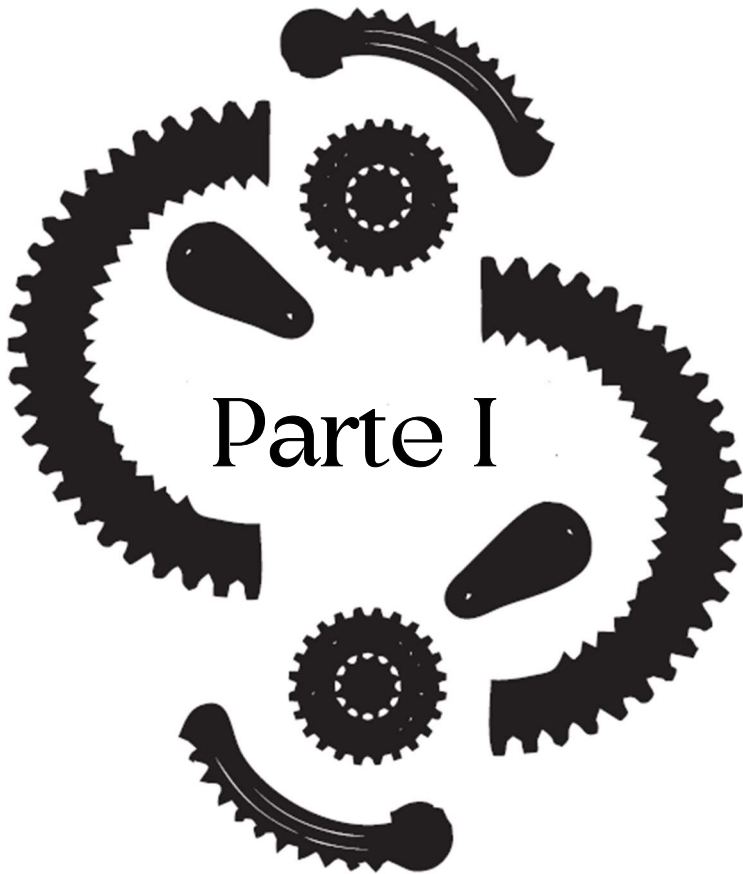
As descrições sobre a construção deste PE estão baseadas em alguns estudos e trabalhos, dos quais destacamos: Kaplún (2003), que versa sobre a construção do material educacional organizado em três eixos (conceitual, comunicacional e pedagógico), e Rizzatti (2021), que aborda objetivos, metodologia e outros para validação do produto educacional da área de ensino.

Ao trazer esses estudos, almejamos contribuir para a ampliação de esclarecimentos sobre a complexidade e importância do PE nos cursos de pós-graduação profissionais, sobretudo no ProfEPT, na sua linha de pesquisa que trata dos fundamentos das práticas educativas na Educação Profissional e Tecnológica; com foco em estratégias que possibilitem a formação integral dos estudantes, tendo o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico. Outrossim, este livro é resultado de um processo de pesquisa que deve superar a ideia de um material tecnicista e, para tanto, buscamos formas que nos possibilitasse vencer o medo de criar um produto educacional diferente, organizado de maneira a atrair seu usuário, dando ênfase aos objetivos desse leitor, sem se deixar levar por expectativas de se tornar um guia fechado, um manual, uma sequência didática ou outro.

Por fim, trouxemos capítulos que apresentam o projeto de forma objetiva, com os relatórios descritivos dos encontros, das rodas de conversa, das oficinas, bem como o relatório dos principais desafios, onde não deixamos de falar sobre os pontos altos e

baixos. Além disso, compartilhamos sobre as novas perspectivas que adquirimos nesta experiência — o que nos inspirou a considerar replicá-la, num futuro breve.

Patrícia Pereira Queiroz da Purificação



Parte I

OS PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA

Os personagens principais da história, reconhecidos como os protagonistas da experiência que gerou este produto educacional, são os estudantes das duas turmas de 4.º ano do ensino médio integrado, formandos do ano de 2023, ou seja, aqueles alunos ingressantes do atípico¹ ano letivo que se iniciou no dia 5 de fevereiro de 2020, no Ifes – Campus São Mateus.

A faixa etária desses estudantes é de 18 a 20 anos, sendo um grupo heterogêneo de jovens oriundos de escolas públicas e privadas. Singulares ao contarem um pouco de suas histórias, e muitas vezes semelhantes enquanto jovens formandos, obstinados na luta por um futuro melhor, a partir da etapa que viveram e finalizaram no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes).

Jovens que pensaram duas vezes antes de assumirem mais um compromisso no final do último semestre de seus cursos técnicos em eletrotécnica e em mecânica, integrados ao ensino médio; que refletiram mais ainda durante as rodas de conversa e oficinas para escreverem contos, crônicas e poesias. No entanto, mostraram-se impulsivos ao entenderem que este estudo visava contribuir na formação de novos estudantes.

Entre conversas, discussões, leituras e planejamentos para a escrita, por vezes nos deparamos com alguns obstáculos, como a ansiedade diante de provas e compromissos dos quais tiveram que conciliar com seus estudos em sala de aula, inclusive com a

¹ Em 11 de março de 2020, a covid-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde como uma pandemia. Essa pandemia gerou graves consequências e mudou a vida cotidiana das pessoas em todo o mundo, exigindo uma série de medidas emergenciais como, por exemplo, o distanciamento social. Ante ao exposto, a rotina dos serviços educacionais passou por adaptações a fim de minimizar o impacto dessa pandemia na vida escolar dos estudantes.

aplicação da pesquisa que originou este livro.

Superando esses desafios, contamos, também, com a participação de coadjuvantes — docentes e servidores técnico-administrativos do campus, que contribuíram para que as atividades planejadas fossem colocadas em prática. Assim, cada personagem cumpriu o seu papel neste processo, demonstrando responsabilidade, compromisso e respeito.

Reiteramos que este produto educacional é resultado desse processo voltado para a promoção da arte e cultura na Educação Profissional e Tecnológica. Em meio às diversas expressões artísticas e culturais, escolhemos desenvolver estratégias na produção de contos, crônicas e poesias. Nesse sentido, entendemos que caso a pesquisadora fosse ou quisesse ser uma dançarina, uma produtora de teatro, uma pintora ou se envolvesse em outra profissão ligada ao tema, essa promoção de arte e cultura teria tido um desfecho com apresentações de dança, pinturas, teatro ou outros. No entanto, como servidora técnica administrativa, no Ifes – Campus São Mateus, apaixonada por literatura, traz esta compilação de textos literários que poderão ser lidos nas páginas seguintes.

MEMÓRIAS ACADÊMICAS

Dirceu Hofaman Neto, Gabriel Bonomo Dazzi,
Letícia Brumatti Rembensi e Márcio Rafael Chaves Lopes

Aos alunos que primeiro chegam
Nestas frias cadeiras, deixo minha
Presença, e dedico com saudosa
Lembrança minhas memórias acadêmicas.

(Adaptado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis)

CARTA ABERTA AO DEVANEADOR DE PRIMEIRA VIAGEM

Ana Carolina Schimidt dos Santos, Emanuely Conceição da Silva
e Jhully Ferreira Pereira

São Mateus, 17 de novembro de 2023

Estimado Iludido,

Imagino agora uma lista mental completa das características com as quais você se identifica: uma mente afiada em detectar discrepâncias e baixa tolerância a erros; o orgulho próprio de um novo ingressante que almeja uma realidade próspera em uma instituição de peso. Porém, talvez, esse peso seja mais árduo do que o caro viajante possa carregar.

A partir de agora, você conhecerá um cenário que nem imaginou que existisse. A realidade dura e espinhosa perfurará os sonhos realizados. No decorrer dessa jornada, você se deparará com estranhos de várias partes do estado, com histórias semelhantes às suas, e, talvez, com mais habilidades. Com o passar do tempo, será perceptível o acréscimo de cobranças acadêmicas e familiares. O sentimento de impotência será constante.

Ademais, a convivência com seus colegas pode parecer, por vezes, um mar agitado com ondas sem controle aparente; mas não se deixe esmorecer, querido sonhador, sua passagem por esse lugar não será uma batalha perdida. Ao decorrer de sua jornada, você irá descobrir potências em si que jamais imaginaria, e as mesmas circunstâncias que lhe destruírem serão as que lhe darão o poder para se reconstruir ainda mais forte. E não se preocupe, sua passagem por esse ambiente não será de todo solitária; haverá

peçoas que lhe darão ânimo e amparo para se desvencilhar do mar revolto. Por fim, não deixe de escutar a voz que vem de dentro de você, pois ela sabe o que diz; e mesmo a passos lentos, nunca deixe de caminhar.

Atenciosamente, os veteranos.

O CAMINHO

Raphael Mateus de Matos Silva e Emerson Augusto Clarindo Silva

Sucesso é algo para lutar
Lutar para ganhar
Nunca quis ser o melhor
Mas não quero perder
Isso vai contra o meu ser

A vida é cheia de batalhas
Hoje é dia de ganhar
Mesmo perdido no caminho
A luz sempre encontrará

Então sai, vá à luta!
O amanhã não vai chegar
Mas o presente sempre está

Concebidos ao nascer
Solitários ao morrer
A dor sempre o acompanhará
Para fazer o melhor e o transformar

O COMEÇO DO FIM

Wesley Pereira Zucoloto

contribuições de:

Adrielly Vaz Amaral, Maria Clara Pereira Coan

e Tayna Barbosa Nascimento Pimenta Alves

Tudo começou em fevereiro de 2020
Nomeando uma turma como 1.º MIV
Mas bastou apenas quinze dias
Para que a pandemia da Covid-19 saísse da teoria

Não foi tão rápido, e esse primeiro ano passou
Mas o tormento da pandemia continuou
O ensino teve que ser adaptado
E muitos alunos foram prejudicados

Finalmente, uma luz no fim do túnel
Depois de tanto tempo, voltamos ao Instituto
Reencontramos nossos antigos amigos
E, talvez, conseguiremos recuperar parte do que foi perdido

Agora, estamos na reta final
O passar do tempo deixa tudo tão banal
Portanto, só podemos pensar no futuro
E será mais fácil se estivermos juntos

ACORDADO EM SONHOS

Gabriel Boschetti

Não sinto necessidade de um velório, até porque não me sinto morto. Tenho a sensação de estar afundado num sono, onde não há sonhos nem pesadelos. Esse sono que também não tem camadas, por mais que ele faça parte de cada uma delas. Eu podia me maravilhar, acima da superfície, com as visões: música, droga, aventura, moda..., expectativas e experiências. A visão que guardo das antigas observações não se tornou embaraçada, mas molhada. Não é mais escorregadia, mas está encharcada e impraticável. Foi tentando nadar que eu me afoguei nesse meu profundo sono. Aqui o terreno não é um imenso vazio, mas um vazio pequeno onde posso correr em volta por pelo menos um minuto até acabar o percurso. É o lugar de onde vim, lugar desconhecido; direito de todos além de mim; lugar onde me criei e fui criado. E voltando ao jardim de infância, eu percebo que sempre estive nele. Só estive sonhando.

O INÍCIO DE UM SONHO

Gabriel Cardoso Alves

contribuições de:

Lucas Alexandre Righetti Fabem e Vinícius Alves Oliveira

Talvez falar sobre o Ifes
Desperte um mix de sentimentos
Desde os mais felizes aos tristes
Cada um tem seu momento

Primeiro ano, um lugar diferente
Novas oportunidades
Que transcendem minha mente
Aos meus quinze anos, uma nova realidade

A Covid se inicia
O diferente se torna diferente
Quem diria que uma pandemia
Atrapalharia tanta gente

Segundo ano, o mais legal!
Apesar dos resquícios da Covid
Aprendemos a soldar com um profissional
E com outro, a usar rebite

Terceiro ano, o mais difícil
Quem diria que nessa brincadeira
Ganharíamos um novo vício
Dias pesquisando sobre como fazer uma ponte de madeira!

O quarto ano, o mais tranquilo

Um poema, uma despedida
Fiz aqui bons amigos
E aprendizagens que levarei para a vida

RETROSPECTIVA

Carlos Augusto Cardoso Silva Santos e Yula Paula Marques Barcelos
contribuições de:

Ana Beatriz Furtado Soares, Guilherme Mengali Carvalho,
Hiago Santos Meireles, Maria Eduarda Gonçalves Gasparini
e Sales Neres Nobre

O ano era 2023.

A população brasileira havia acabado de vivenciar, no ano anterior, uma divisão causada pelos polos eleitorais. A pandemia ainda envolvia um cenário de dúvidas, de desespero e de estado de calamidade. Os avanços tecnológicos e os desafios para sua inclusão na educação também estavam presentes. Copa do Mundo, debates políticos e econômicos tomavam a frente. A sociedade mundial havia sido marcada pelas urgências do imediatismo. As relações e as estruturas familiares estavam sendo exponencialmente degradadas.

Como numa panela de pressão, todo esse turbilhão resultou numa devastação. A mão do ser humano parecia um instrumento de destruição.

A fauna e a flora não choravam porque o clima estava quente. As crises hídricas, os incêndios florestais, os desmatamentos, a elevação do nível do mar, os impactos na agricultura, o ar poluído, as temperaturas elevadas, o desprendimento de geleiras, a poluição no meio ambiente etc. Enfim, o aquecimento global.

Sem saber se sua próxima geração seria capaz de sobreviver nesse mundo, ainda despreocupada, a população continuava sem encarar o tema com a devida atenção.

Preserve o seu lar!

Com tão poucas mãos, foi difícil vencer e fazer esse registro milenar.

VIVA MEMÓRIA

Dennis Francisco Guimarães de Oliveira, Anderson Cordeiro de Sousa,
Bruno Trevizani Ribeiro, Giulia Cristiny Nico Santos
e Dihego Albuquerque de Oliveira

Hoje, a quarenta e três dias da formatura
Escrevemos esta mensagem a você
Que logo viverá esta loucura
O tempo passa rápido! Sei que soa clichê

Agora que sobreviveu à prova
Saiba que está, sim, preparado
Ainda que não seja como uma bossa nova
Meio caminho já foi andado

Haverá trancos e barrancos
Encontros e desencontros
Tudo pode piorar
Mas você deve chegar ao final e arrasar

O tempo passa rápido!
Viva, estude, aproveite e crie memórias
Aqui, o clima pode ser suave ou árido
Mas, apesar de tudo, faça sua história

QUE TAL A GENTE MANTER CONTATO?

Felipe Oliveira Pires, Guilherme de Abreu Prando
e Isadora Santana Rubim

Que tal a gente manter contato?
Vai ser difícil, mas eu quero
Vou sentir saudade de nós
De andar até doer
De falar até sofrer
Voltar da praia com o rosto queimado
Pele descascada e um sorriso cansado
Todo mundo se olhando
Se achando
Se encontrando
É com vocês
Que eu quero ficar
Então, que tal
A gente se falar?

Que tal a gente manter contato?
Vai ser difícil, mas eu quero
Vou sentir saudade do nosso jeito
De se ver
De se entender
Contar chorando sobre corações partidos
E gargalhando sobre tempos esquecidos
Todo mundo se amando
Se querendo
Se deixando
É com vocês
Que eu quero ficar

Então, que tal
A gente se falar?
Depois que formos
Embora

INSONE

Kamilly Victória dos Santos Batista, Marianna Saltarelli Arvellos Pontes,
Pedro de Aguiar Sossai e Ray Rodrigues Serafim

Três horas da manhã. De novo. Faz muito tempo. E, sinceramente, não sinto falta dos pesadelos nem da insônia. Eles nem incomodam tanto; afinal, são como filmes de terror, e eu amo filmes de terror. No entanto, confesso que acordar assustado no meio da noite, suando frio, em completo desespero... nunca foi minha parte noturna preferida. Me levanto da cama. Não faz sentido continuar lá. Vou até a minúscula cozinha do minúsculo apartamento onde moro. Após pegar um cigarro e uma xícara de chá, caminho em direção à janela. Lá fora é possível ver diversas luzes e pessoas em suas atividades noturnas; abaixo da janela, barulhos de uma briga; ao longe, viaturas com suas sirenes perambulam.

Ao mesmo tempo que um sentimento de solidão me preenche, sinto-me aliviado por não estar no lugar daquelas pessoas. Apago o cigarro no peitoral da janela egoísta. Após alguns segundos, tenho uma sensação muito esquisita, como se eu fosse mais que um observador. Então resolvo fazer, nesta madrugada, algo que nunca fiz antes: sair e investigar os ruídos que não me deixam dormir. Ao calçar os chinelos e sair de casa, percebo que eles são maiores.

Noto que as brigas não são como aquelas de fim de noite, “normais”, mas sim altas discussões entre pessoas que eu conheço. Ouço o som da sirene. Logo percebo que os policiais estão se reunindo e se direcionando para o meu prédio. Tento perguntar o que está acontecendo, mas ninguém me responde.

Posso ver nos olhos de desespero das pessoas ao redor que elas perderam alguém importante. Me sinto acordado, porém, ao mesmo tempo, tudo parece ser um sonho. De repente, reconheço

minha mãe, que não vejo há muitos anos. Vejo o Doug, da pub que frequento, com a sua criança pesada e uma lágrima solitária escorrendo em seu rosto. Posso ver a senhora Dodds da escola que leciono, aparentemente refletindo sobre seus dias, que serão piores daqui em diante.

Vejo em meu prédio três homens fardados, que parecem trabalhar para algum serviço de saúde. Logo os sigo. Percebo que eles observam um ponto fixo: uma poça enorme de sangue. Atônito, encaro o corpo estendido na minha cama. Como não vi isso antes? Me aproximo. O susto e o terror tomam conta do meu semblante. O que eu vejo não faz nenhum sentido. Sou eu ali, é o meu corpo estendido em minha cama. Uma aparência serena, como se estivesse dormindo, mas com um profundo corte na cabeça que vai até próximo ao olho esquerdo. De forma vagarosa, aproximo-me de mim mesmo e estendo a mão. Como em súbito alívio, sinto um puxão dentro de mim, levando-me de encontro ao meu corpo.

Tá tudo escuro. Não reconheço o local; há somente a escuridão. No entanto, algo prende a minha audição, algo como um som rotineiro de cidade grande. Sei bem onde estou. Abro os olhos. O relógio na parede do quarto mostra que são 3h15 da manhã. Estou tremendo e minhas mãos estão suadas. Esfrego os olhos e digo para mim mesmo: “Foi só mais um pesadelo.”

UM MENINO E UM SONHO

Felipe Pereira Alves e Rickelmer Lamêgo Gomes

Há alguns anos, um menino chamado Edinaldo Pereira tinha como objetivo cursar o ensino médio no Ifes, e via nesse sonho a oportunidade de ter as coisas que nunca conseguiu ter na vida. Fez curso preparatório e aproveitou cada oportunidade de aprendizado para se preparar para o processo seletivo. Depois de algum tempo, Edinaldo fez a tão esperada prova e, com seu esforço, conseguiu ingressar no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus.

Naquele dia, logo depois de fazer a prova, algo diferente lhe chamou a atenção. A fiscal que estava na sala, depois de receber a prova em suas mãos, disse: *“Te vejo em fevereiro!”*

Não colocando muita fé de que iria mesmo passar, pois a prova tinha sido bem concorrida, ele se retirou e foi embora, sem se lembrar de que um dia ele mesmo havia prometido aos seus pais que iria passar naquela prova de seleção. Depois de alguns meses, por meio da informação que veio de uma amiga, ele soube que tinha saído o resultado e que poderia ver sua nota. Jamais imaginou que pudesse ser aprovado em primeiro lugar na modalidade de concorrência na qual se inscreveu, cuja cota condizia à condição dele. Quando viu aquele resultado, correu para falar com a mãe, que ficou muito feliz. Dali em diante, ele começou a se esforçar ainda mais.

Sua trajetória no Ifes foi bastante conturbada, cheia de desafios. O principal foi a pandemia da Covid-19, quando Edinaldo não pôde ir para a escola, tendo de estudar em casa em um ensino adaptado, por meio da internet. Logo Edinaldo foi percebendo que

o Ifes não era tudo aquilo que ele imaginava. Com o tempo, ele voltou para a escola e continuou encarando os novos desafios, os causados pela pandemia, como problemas sociais, entraves com alguns professores etc. Sentia saudade do tempo dos estudos pela internet, da interação e das descobertas que tinha ali, quando tinha mais tempo com a tela.

Percebeu que o Instituto é um local onde demanda muito esforço e tempo, além de exigir um psicológico bom para aguentar as cobranças e a carga horária. Assim, ele concluiu que não era aquilo que ele queria, mas tinha que pelo menos completar o processo. Então, por esse mesmo processo, passou a ver que a internet poderia oferecer uma oportunidade mais vantajosa para ele, que agora desejava se tornar uma pessoa independente. Ao buscar por isso, trabalhando com vendas online, logo começou a colher os resultados e, de pouco a pouco, aprendeu diversas coisas. *Muita coisa que a escola não ensinava*. Assim, cheio de autonomia e sonhos, Edinaldo Pereira decidiu empreender na internet para mudar sua realidade e a realidade de sua família.

AUTOESTIMA

Patrícia Pereira Queiroz da Purificação e Marcelo de Oliveira Duarte

Lembrava-me bem de que tinha saído apressada do mercado municipal e subia a Avenida Jones dos Santos Neves, na direção norte, quando fui surpreendida com ele saindo das dependências do Banco do Brasil e, em um lapso de tempo, inexplicavelmente, tudo ao meu redor pausou.

Por mais inusitada que fosse aquela aparição, vi imediatamente o quanto ele continuava bonito, alto, com ombros e peitoral agora um pouco mais vantajosos, e com o mesmo jeito clássico e discreto. O tempo parecia ter lapidado suas qualidades; e será que o todo que o compunha ainda me causaria arrepios?

Estava vermelho e suado, aspectos totalmente justificáveis pela sensação de calor que fazia no início daquela tarde de inverno em São Mateus — uma cidade litorânea, no norte do Espírito Santo, com praias e outras belezas naturais; e com uma história cultural que começou no tempo em que o Brasil tinha a minha idade.

Notória também era aquela multidão andando para lá e para cá em meio aos ambulantes que gritavam oferecendo seus variados produtos. Naquele momento, ele passou por mim distraído e, em segundos, entrou na avenida José Tozzi, sentido à rodoviária, justamente para onde eu o segui sem pestanejar.

Há mais de vinte anos não nos víamos, e jamais imaginei que nosso reencontro seria daquela forma tão casual, em pleno meio-dia. Em meus devaneios havia certezas de que aquele momento aconteceria em algum aeroporto, num restaurante, em noite de festa... enfim, em lugares onde eu estaria “naturalmente” produzida. Seria essa mais uma prova de que “a vida não é como a

gente gostaria que ela fosse”? Aliás, essa frase é dele, mas sem o ponto de interrogação.

Hesitei gritar seu nome por receio de não ser reconhecida, ser tratada com desdém, embora essa fosse uma atitude completamente anormal em se tratando da pessoa que conheci. Tinha medo de olhar em seus olhos e perceber que o nosso amor havia se transformado num cumprimento formal entre passadas grandes na calçada. Pensei em andar mais rápido e trombar nele. Ao pedir desculpas, perguntaria se ele era mesmo o Ângelo — embora eu não tivesse a mínima dúvida —, e, assim, dessa forma “casual”, iniciariamos uma conversa como as que desenvolvíamos por horas, noites inteiras antes do fim do mundo que não ocorreu no ano 2000 conforme previmos (eu e ele), contrariando as teorias de Nostradamus; Prince, na sua música 1999 (1982); Will Smith, no seu álbum “Will 2K” e outros. Desisti dessas conjecturas quando o vi entrar na rodoviária e se aproximar de uma mulher negra, de pele morena rosa, elegante, num vestido midi, sem fenda, cujo comprimento ia marcando suas longas pernas até chegar a poucos centímetros depois do joelho, perfeito com o tênis branco que completava o look e lhe dava postura ideal para beijá-lo sem precisar levantar os pés. Um nó inexplicável ficou atado na minha garganta, e mesmo que fosse inevitável engolir aquela realidade, eu me beliscava com força para acordar ou para crescer de alguma maneira, pois me sentia um micro-organismo visto a olho nu.

A estação rodoviária estava bastante movimentada, e o casal ignorava se estava sendo observado. Além de mim, outras pessoas testemunharam a cena, passavam olhando de lado; algumas até encaravam os gestos de afeto recíprocos e despuddorados. Ela sorria ininterruptamente enquanto falava algo que o deixava inte-

ressado. Era nítido que ele estava feliz, pois a correspondia e gargalhava num volume ainda maior. E eu tentava fazer leitura labial, mas só conseguia perceber o quanto aqueles dois pareciam feitos um para o outro. Sobre o que falavam? Será que tinham assuntos suficientes para serem felizes para sempre?

Encontrei consolo ao desconfiar que aquela, na verdade, era uma cena, apenas teatro para disfarçarem todo o fracasso matrimonial que deveriam sofrer em casa, longe das câmeras. No caso em questão, sem plateia. Excelentes atores! Suas redes sociais estariam cheias de imagens perfeitas e capturadas unicamente para enganar o mundo inteiro. E se fosse isso, por que eu, ou quem quer que fosse, haveria de se incomodar? Problema de quem enganava a si?

Outra fuga ou consolo foi lembrar que a minha vida também prosseguiu depois que ele foi embora. Estudei e, depois de cinco anos na faculdade de psicologia, conquistei uma vida profissional pela qual me dediquei. Casei-me com um bom homem, tive filhos... Aliás, onde estariam eles agora? Quais eram seus nomes e fisionomias? Antes de conseguir me responder qualquer coisa a respeito da minha própria vida, aproximaram-se duas crianças deles: um menino com aparência de treze anos de idade, no máximo, inegavelmente filho do Ângelo, pois suas características físicas denunciavam o DNA paterno; e uma pequena princesa, com seis anos de idade, no mínimo.

Aos poucos e displicente, aproximava-me e descobria maiores detalhes sobre aqueles meus personagens intrigantes que, independentemente de condição financeira, viajavam em férias de julho, passando cultura, simplicidade e alegria ao demonstrar seus modos de vida, por ora, numa cidade nascida em 1544. De repente, soou uma sirene, tão alta que me despertou daquele pensamento intrínseco. O som veio da Escola Estadual, localizada na rua lateral

da estação. No entanto, continuei observando aquela família paranaense, que deixava uns dias de praia vividos em Guriri e seguiam com destino a Porto Seguro.

Àquela altura eu já sabia por meio da minha “audição sinestésica” que o ônibus pelo qual esperavam estava atrasado e que faltava cerca de uma hora para que a situação fosse resolvida, conforme a empresa confirmava e pedia compreensão pelo alto-falante a cada dez minutos.

Entendi então por que o Ângelo repetidas vezes olhava o relógio e oscilava, sentando-se e levantando-se do banco desproporcional ao seu corpo robusto, enquanto eu, hipnotizada, admirava o fato de como os anos lhe fizeram bem. Minutos antes da informação sobre o atraso do ônibus, tive a impressão de que ele insistia gentilmente para que a mulher se sentasse, contudo, ela permanecia em pé, como se soubesse que suas poses me atrapalhavam vê-lo toda vez que ele se acomodava no assento. Por vezes sentia ojeriza por ela ficar ali na minha frente, e passei a ver defeitos em seu nariz pequeno, em seus dentes expressivos e até mesmo em algum detalhe de seu look. Logo depois, acabei tachando essas suas peculiaridades, justamente, como os traços mais fortes de sua beleza. Experimentei uma explosão de pensamentos que em minutos desafiava minhas emoções como uma montanha-russa com minutos cronometrados para parar, porém eternos para quem está lá dentro. Ela não me parecia tão especial ao ponto de merecê-lo!

Durante esse tempo, eu ouvia os nomes, percebia algumas preferências alimentares de seus filhos e até seus planos. Em momento algum as crianças demonstravam-se ansiosas para partirem dali; buscavam ao máximo continuar explorando o que a cidade podia lhes oferecer. Agora estavam na antessala da estação

rodoviária, na Praça Mesquita Neto. Foi quando ouvi a mulher chamar a Clara e o Kaio, que tomavam sorvete, para conhecerem a Igreja Velha, um dos mais famosos monumentos históricos daquele município, já que a tal igreja ficava localizada a poucos metros dali.

Ângelo olhou no relógio novamente e gesticulou de forma positiva que a ideia de conhecerem o monumento em ruínas era uma oportunidade imperdível e uma excelente maneira de gastarem aqueles minutos infundáveis. Quanto a ele, permaneceria no local com as bagagens sob sua responsabilidade. Em cada gesto que fazia, eu notava o quanto preservava suas virtudes, das quais nunca me esqueci: cuidadoso, disciplinado, educado e constante em seus valores e princípios. Um príncipe que eu nunca esqueci e muito menos entendia como fui capaz de deixá-lo partir sem mim. Com ele ali, tão perto, entendi como a consolidação de sua ausência em minha vida poderia ser capaz de me deixar vazia e sem sentido. E era preciso dizer isso a ele.

E agora eu parecia uma adolescente com o coração acelerado e com a oportunidade de me sentar ao seu lado. Eu me incentivava: “Vai! Óbvio que ele vai se lembrar de você.” Meu medo respondia: “Pode causar sérios constrangimentos! Você sabe como ele é! Sincero é talvez seu mais forte adjetivo, e sinceridade, a sua marca.” E é incrível como a gente se lembra de milhares de cenas em lapsos de segundos. Na tentativa de ganhar coragem e me aproximar, lembrei-me de quando nos encontrávamos em sua casa, onde morou poucos meses “sozinho comigo” enquanto trabalhou em São Mateus. Foram dias incríveis de entrega recíproca e aprendizados que, essencialmente, completaram minha bagagem, que tinha apenas dezenove anos de idade naquele tempo bom; naquela época em que ele chegava dizendo o quanto estava cansado “pra caramba”. Seu sotaque sulista me excitava; e suado,

salgado ou com o frescor do pós-banho, de qualquer forma tinha um poder inconsciente de me deixar pronta para ter orgasmos precoces e sucessivos.

Lembrei-me de um momento que tivemos certa vez: iniciamos com movimentos carinhosos, mas eram rápidos, bruscos, não só por mera ansiedade, mas também pela somatória de vontades de ambas as partes e por estarmos quase doze horas um sem o outro. Dessa vez, com apenas um beijo longo como preliminar, pedi, num sussurro, para que eu pudesse tirar sua camisa, pois precisava me sentir em seu abraço, que me deixava totalmente segura. Ele respondeu que sim, porém tinha uma condição: se primeiro eu o permitisse tirar minha lingerie. Tinha sempre uma resposta inteligente para satisfazer minhas questões. Para sua surpresa, eu estava apenas num vestido leve, que permaneceu no meu corpo como permaneceu a calça do uniforme de trabalho que ele vestia naquela ocasião. Não tivemos tato para tirar aquelas peças e fizemos amor ali mesmo na mesa da cozinha, que nos deu as condições ideais para viver um momento que não nos deu trégua para pensar em absolutamente mais nada.

Sua calça ficou pelo meio de suas pernas, e eu, com a roupa minimizada no meio do meu corpo, permitindo que ele fizesse tudo o que quisesse comigo. Confiava nele de tal forma que me entregava inteiramente. E sentindo ele todo dentro de mim, foi fácil responder quando estava prestes a explodir de prazer. Assim, com nossas almas em sintonia, nossos olhos se cruzaram e chegamos ao clímax juntos, abafando nossos gritos para que não chamasse a atenção da vizinhança. Ainda com respirações ofegantes, prometemos que, naquela mesma noite, teríamos mais, para celebrarmos o início do nosso final de semana.

Mal sabíamos que aquele momento seria único como cada

madrugada que nos entregamos debaixo do céu, arriscando sermos flagrados gemendo de amor nas escadarias públicas da cidade. A primeira vez foi estranha, pelo desconforto e medo, mas depois aprendemos a evitar arranhões e a nos aconchegar nos degraus de concreto. Em noites claras, dava para ver as curvas do rio, a beleza e magia da cidade. Embora estivéssemos treinados, cerca de um mês depois, ele resolveu sair do alojamento e morar com um colega que passava a maioria do tempo trabalhando em campo. E foi assim que passamos a ter aquela casa para nós dois.

Enfim, era impossível que ele tivesse esquecido, mas minha insegurança estava com toda razão, era melhor guardar aquelas lembranças e seguir meu destino, assim como ele seguia o dele, felizmente, realizado. Lembrei mais uma vez que dentre suas maiores virtudes estava a sinceridade, que agora eu temia não ter maturidade para encarar. Virei-me para ir embora, quando ele se aproximou e disse:

— Enfim, vamos? O ônibus chegou. Parabéns, vocês foram bem pontuais! Gostaram da Igreja Velha?

A Clara começou a contar os detalhes de tudo, principalmente do cemitério que fica bem em frente ao monumento, onde ela e o irmão conheceram o túmulo do bisavô, da bisavó e do tio-avô. Discursava com emoção e riquezas de detalhes.

— O senhor sabia, papai, que a Igreja Velha foi construída por pessoas escravizadas? Que utilizaram óleo de baleia para colocarem as pedras? E lá tem muitos pássaros! E quando passei entre dezenas deles, eles voaram para pertinho de mim! Acho que gostaram muito de mim!

— Isso, que utilizavam óleo de baleia, é um mito, Clara Maria! — comentou Kaio tentando restringir a conversa ou dizer qualquer coisa pelo seu ponto de vista, sendo sempre vencido pela menina.

Aquela forma do irmão pronunciar calmamente, separando as sílabas do nome da irmã, denunciava o quanto ele estava estressado com as empolgações da pequena, e por isso ela continuava com mais exclamações, agora consciente, para intrigá-lo sem reservas.

Então, com voz zelosa e firme, Ângelo informou que nossas passagens estavam conferidas e que as duas crianças e eu podíamos adentrar no veículo. Lá, continuaríamos a história sobre nossa viagem à minha cidade natal, que há tempos esperava uma oportunidade para visitar, e um dia (quem sabe?) retornar! Entramos no ônibus com Clara falando do quanto foi bom conhecer o Bosque da Praia, o Projeto Tamar e as histórias da cidade que antes moravam apenas em sua imaginação, quando as conhecia somente por meio de contos e fotos. *Da próxima vez, conheceria os Casarões do Porto!* Kaio confirmava essas observações da irmã e, com poucas palavras, falava de sua preferência pela Praia de Guriri (do Guriri à noite), tentando controlar a incontrolável autoestima da irmãzinha preferida.

— Precisamos ficar nesta cidade mais dias da próxima vez. Tanta coisa bonita e interessante! — disse ele, querendo finalizar o assunto. Clara, contudo, já respirava fundo para dizer a última palavra, nem que fosse simplesmente para concordar.

No intuito de minimizar incômodos aos passageiros, pedi que se acalmassem, pois logo estaríamos partindo e todos nós precisávamos nos organizar em nossos assentos. Sentamo-nos e aguardamos poucos minutos para que meu par perfeito ocupasse seu lugar ao meu lado. Assim, ao chegar e pousar suas mãos entre meus joelhos, o ônibus partiu. Deitei minha cabeça em seu ombro e me lembrei da música do mateense Joel Guilherme, que disse bem:

“São Mateus, minha cidade, só por este teu luar, quem parte

leva saudade e de saudade há de voltar”.

AYRTON SENNA, O BAIRRO

Marcelo de Oliveira Duarte e Patrícia Pereira Queiroz da Purificação

A pandemia estava no início; a Tcherlys me pediu para buscar a Dona Luzia, que fazia faxina na nossa casa; fui prontamente. Desacatar um pedido dela não era recomendável, e seria mais seguro para todos. Cheguei em frente à casa da Dona Luzia, pontualmente às 7h45. Comecei a bisbilhotar o celular, sem prestar muita atenção no que estava vendo, quando ouvi umas três batidas na janela do carro. Olhei despreziosamente, tomando um enorme susto no segundo seguinte:

— Desce, desce...

Sim, era um assalto. Ele segurava uma arma, bem enferrujada, aliás.

— Deixa tudo aí, irmão. Desce logo!

Veja você, ele me chamava de irmão. Saí do carro; outro rapaz já se ajeitava na poltrona do carona.

— Tira a aliança, irmão, passa logo.

Forcei tentando arrancar aquela circunferência dourada o mais rápido possível do meu dedo; o menino estava mais nervoso do que eu e colocava o revólver sobre a minha têmpora.

— Anda, cara! Anda!

Note você, ele já não estava mais me chamando de irmão. Péssimo diagnóstico.

— Calma, estou colaborando, mas dei uma engordadinha com essa pandemia.

Depois de muito forçar, consegui retirar. Ele pegou, acelerou o carro, cantando o pneu, e desapareceu. O portão se abriu:

— Uai, Marcelo, cadê o carro? — perguntou Dona Luzia.

Olhei para ela com uma cara de desânimo, nem precisei responder.

Ceguei em casa, a Tcherlys estava desesperada, então a tranquilizei. Eu estava bem, isso era o mais importante; ela concordou e me deu um forte abraço.

Os dias foram passando, estávamos conversando em casa: eu cortando legumes, ela ao meu lado. Parou, enrugou a testa, colocou a destra sobre o queixo e perguntou quase indignada:

— Marcelo, cadê a sua aliança?



Parte II

[...] será preciso inventar histórias, criar personagens, inventar paisagens visuais ou sonoras. Será preciso compor canções, inventar brincadeiras, escrever cartas ou poemas. Será preciso animar-se a romper moldes para que a mensagem educativa não seja, uma vez mais, equivalente a um sermão impresso, ou a uma chatice audiovisual (Kaplún, 2003, p. 54).

O PRODUTO EDUCACIONAL DA PESQUISA

Entendemos que quanto maior for a nossa busca por qualidade e desenvolvimento do produto educacional no ProfEPT maior será a nossa chance de contribuir para a melhoria da educação básica. O PE na área de ensino é o resultado tangível, oriundo de um processo gerado a partir de uma atividade de pesquisa aplicada em condições reais, devendo apresentar especificações técnicas e, prioritariamente, ser pensado, desenvolvido e aplicado para fins de avaliação com o público-alvo a que se destina (Rizzatti *et. al.*, 2020). Freitas (2021) enfatiza que é preciso refletir sobre a não redução do PE a um elemento físico. Segundo o autor, é necessário compreender que o material/processo/produto educacional deve possuir componentes internos significativos, organizados e condizentes com o contexto ao qual ele se destina.

Concordamos também que “o processo de produção de um material educativo é uma tríplice aventura: a da criação, a do próprio material e a do uso posterior, que muitas vezes escapa às intenções iniciais e aos cálculos dos criadores” (Kaplún, 2003, p. 47), por isso pretendemos destacar neste capítulo os conceitos e os objetivos da materialização e institucionalização deste livro, baseados nos principais referenciais teóricos com os quais trabalhamos durante a aplicação desta pesquisa. E o que é e para que serve o livro? Mais que manuscritos ou letras escritas, seja no formato impresso, seja no digital, retratando uma conversa calma que outrora foi acalorada — quando ainda não tinha a participação do leitor —, o livro representa uma busca por novas emoções, um conjunto de esforços empenhados em uma pesquisa, podendo configurar, ainda, infinitas possibilidades. Foi esse pensamento que deu margem à proposta de criação deste material. Temos que

“o livro é um semióforo: um objeto visível investido de significação” (Rabello, 2019, p. 6 apud Pomian, 1998, p. 77), ou seja, este material visto como documento, pode ter valor histórico, de memória e ou valor estético, para acesso ao conhecimento ou a outras intencionalidades que podem ser atribuídas ao livro (Rabello, 2019).

Dessa forma, reiteramos que este PE buscou superar a ideia de ser um objeto para mera utilização, mas, sobretudo, constituir e ser validado como o resultado da pesquisa intitulada “Arte e Cultura na Educação Profissional e Tecnológica: uma experiência com escrita literária no ensino médio integrado”, desenvolvida no ProfEPT. Assim, tratamos de apresentar a descrição deste PE respondendo à seguinte questão: como a produção de textos literários pode contribuir para a formação profissional e tecnológica dos indivíduos?

Nos capítulos seguintes, falaremos mais sobre a aderência do PE à linha de pesquisa Práticas Educativas na Educação Profissional e Tecnológica, em suas diversas formas de oferta, com foco nas estratégias que possibilitam formação integral e significativa ao estudante, sustentados no trabalho como princípio educativo e na pesquisa como princípio pedagógico. Neste capítulo, condensamos a construção do PE guiada pela Ficha de Avaliação de Produto/Processo Educacional para a segunda instância de validação.

Nesse contexto, este PE se enquadra na definição de material didático/instrucional, envolvendo atividades práticas com produção de textos e intervenção em sala de aula. É um produto de apoio ou suporte com fins didáticos na mediação de processos de ensino e aprendizagem, conforme tipologia já contemplada em documentos da área de ensino (Brasil, 2013; 2017), sendo reorganizada pelo Grupo de Trabalho Produção Tecnológica da CAPES

(Brasil, 2019b). Quanto aos graus de acesso, aplicabilidade, aderência, complexidade, registro e inovação compreendidos nas características e na dimensão do PE, cuidamos para que cada critério fosse atendido, sobretudo para que o leitor tivesse acesso, aplicasse, compreendesse e desejasse replicá-lo no âmbito da Educação Básica, quiçá com outras artes.

O PROJETO

Fundamentado a partir do que é trabalhado no macroprojeto 1 da linha de pesquisa 1 do ProfEPT, Práticas Educativas em EPT, que aborda as propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino, o objetivo do estudo foi desenvolver estratégias na produção de textos literários. Para tanto, implementamos o projeto em duas turmas de 4.º ano do ensino médio integrado, de cursos técnicos em eletrotécnica e mecânica. Ao longo de três meses, utilizamos diversas aulas, cedidas por vários docentes de diferentes disciplinas, a fim de promover arte e cultura naquele contexto da Educação Profissional e Tecnológica.

O quadro a seguir sintetiza as etapas e os principais instrumentos metodológicos do projeto de intervenção em sala de aula que deu origem a este produto educacional:

Quadro 1

Etapa	Instrumento metodológico	Atividade	Registros
1º Encontro	Roda de conversa	Apresentação de cada participante da pesquisa. Cada um(a) contribuiu contando suas experiências escolares e pessoais acerca de quando ingressaram no Ifes – Campus São Mateus, no ano letivo de 2020.	Este encontro foi registrado por meio de Ata e imagens (fotos).
2º Encontro	Roda de conversa	Conversa e discussões sobre os conceitos de arte, cultura, literatura e trabalho; e leitura de contos e poesias;	Esta etapa foi registrada por meio de Ata, imagens (fotos) e gravação de áudios.
3º Encontro	Oficina de produção	Conversa sobre as características e a importância dos contos, crônicas e poesias. Escrita dos textos.	Esta etapa foi registrada por imagens (fotos), gravação de áudios e por meio dos textos escritos/manuscritos pelos participantes.

Fonte: elaborado pela autora.

Buscou-se ainda, articular os aspectos da arte e cultura com o ensino técnico a fim de proporcionar reflexões sobre os processos intelectuais e produtivos no mundo do trabalho; compreender o perfil dos alunos participantes, valorizando suas vivências/culturas; estimular discussões sobre os conceitos e concepções de arte, sobretudo a arte literária, para que este produto educacional se tornasse um objeto de identidade e memória para esses participantes.

Como mostrado no Quadro 1, utilizou-se de rodas de conversas e oficinas pedagógicas como dispositivos para se concretizar, bem como dinamizar as atividades propostas no projeto. Essas atividades foram realizadas por meio de encontros mensais, contando com a colaboração de vários docentes, que cederam seus tempos e espaços de aula, proporcionando um ambiente adequado e seguro para que o projeto fosse executado.

O quadro a seguir mostra como os encontros ficaram organizados por turma e disciplina:

Quadro 2

Encontro	Técnico em Eletrotécnica	Técnico em Mecânica
1	Automação Industrial	Língua Portuguesa e Biologia
2	Automação Industrial com a colaboração do docente da disciplina Eletrônica de potência	Ensaio de materiais com a colaboração do docente da disciplina Hidráulica e Pneumática
3	Sistemas Elétricos de Potência	Física e Inglês

Fonte: elaborado pela autora.

No intuito de demonstrarmos de maneira mais funcional como essas práticas ocorreram, com seus pontos altos e baixos, descrevemos os capítulos seguintes.

METODOLOGIA

No capítulo anterior, expomos os objetivos do projeto. Nota-se que a metodologia do estudo buscou por estratégias que consideram os estudantes protagonistas de suas práticas escolares, valorizando o conhecimento prévio desses atores e reconhecendo suas culturas/vivências como importantes fatores no desenvolvimento da experiência de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, a dinâmica desta pesquisa foi projetada com o intuito de estimular os participantes a compartilharem seus conhecimentos e a refletir sobre os conceitos de arte, cultura e literatura, estabelecendo conexões significativas com suas próprias vivências/cultura, além de relacioná-los com o mundo do trabalho. Portanto, este estudo dialoga diretamente com os fundamentos da EPT.

A articulação do ensino técnico com o trabalho intelectual, que ocorre na proposta metodológica deste projeto, propiciou possibilidades para que esses sujeitos se tornassem mais conscientes de que suas ações decorrem de suas reflexões; percebendo-se com autonomia e com condições de atuar melhor na sociedade (Freire, 1996). Assim, ao trazer as rodas de conversa e oficinas como dispositivos metodológicos na dinâmica desse processo de ensino-aprendizagem, buscamos instrumentos que estimulam o engajamento criativo e o interesse dos participantes. Acreditamos que os diálogos, próprios nessas atividades, motivam seus integrantes a compartilharem seus conhecimentos prévios, a refletirem sobre os novos e a se apropriarem deles a partir do interesse pelo assunto da atividade, possibilitando, assim, uma aprendizagem significativa.

Temos que o ensino da EPT se constitui em um local onde

há uma integração do ensino médio com o ensino técnico, formando jovens capazes de se relacionarem cultural, social e eticamente com a realidade; sendo esses sujeitos protagonistas de suas decisões e ações (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2012). Assim, este projeto fugiu do tecnicismo e, a partir desta experiência na EPT, voltou-se para o tema arte e cultura, objetivando contribuir com a formação integral dos alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, do Ifes – Campus São Mateus. E por meio da produção dos textos literários, procurou-se desenvolver um produto educacional no qual os estudantes desempenham o papel central como principais autores de uma coletânea de contos, crônicas e poesias. Dessa maneira, tornam-se protagonistas da vida real, capazes de se perceberem mais críticos e, principalmente, mais humanos.

Este projeto se constituiu em três encontros em sala de aula, utilizando períodos de algumas disciplinas e, portanto, contando com a colaboração dos docentes que cederam tempo e espaço, próprios e específicos, para que a ação tivesse êxito. Além desses profissionais, contou-se com a colaboração de servidores técnico-administrativos. Entretanto, vale destacar que a proposta de escrever uma coletânea de textos literários não pareceu tão atraente aos alunos nos primeiros minutos de conversa com a pesquisadora. No entanto, à medida que o projeto ia sendo detalhado, apresentando possibilidades de escrita em grupo e, principalmente, quando se discutia sobre o produto educacional (a publicação deste livro) enquanto objeto de memória e de utilidade pública, animaram-se a participar da experiência. Essas características, somadas ao que observamos na matriz curricular do projeto político-pedagógico dos cursos técnicos em eletrotécnica e mecânica (PPC 2016–2022), do Ifes – Campus São Mateus, onde a disciplina Arte é ofertada somente no 1.º ano, com carga horária de 60

horas, e arte e cultura é um componente optativo, 30 horas, podendo ser ofertado no 2º ano, fizeram com que a nossa ideia de aplicar a pesquisa nesse contexto do ensino médio integrado fosse consolidada. Logo, este livro é um PE construído de forma consciente, com extrema dedicação e responsabilidade por cada um de seus integrantes. Significa que se trata de um material que apresenta sensibilidade, cooperação, informação e outros elementos os quais se deseja compartilhar a fim de que esta história tenha continuidade.

Primeira roda de conversa

Tema: Apresentação pessoal de cada participante, respondendo à pergunta: “Como foi a sua experiência nos primeiros dias ao ingressar no ensino médio?”

Objetivo: Estimular a participação dos estudantes, identificando e apontando o potencial natural que possuem para contar histórias; valorizar a vivência/cultura dos participantes; e buscar meios para compreender melhor o perfil desses indivíduos.

Tempo estimado: três aulas de 50 minutos cada.

Turmas:

- 1) 4.º EIV – 4.º ano do ensino médio integrado (EMI), do curso técnico em eletrotécnica, do turno vespertino;
- 2) 4.º EIM – 4.º ano do ensino médio integrado (EMI), do curso técnico em mecânica, do turno vespertino.

Destaca-se que tentamos manter o máximo de similaridade entre o plano de aula em ambas as turmas. As rodas em cada turma ocorreram em dias diferentes.

As conversas

Ao entenderem a questão proposta, logo se lembraram da pandemia da Covid-19. Observou-se que na maioria das vezes em que trouxeram uma informação difícil de ser explicada, a turma sorria como um som em coro. Foi o que aconteceu nesse primeiro momento. É claro que sorriram em outros momentos também, mas esse sorriso tinha um som harmônico e diferente.

Logo surgiram as primeiras perguntas: “O que vou falar? Dos primeiros dias? Da recepção?” Sugerimos: “Podem falar da escola de onde vieram, por exemplo.” Sugestão aceita.

A roda começou a girar. Falamos sobre as nossas experiências vividas quando saímos do ensino fundamental e iniciamos o ensino médio — inclusive ouvimos a história do professor. Conversamos sobre a mudança de escola nessa fase, o quanto ela é comum de acontecer, principalmente aos estudantes de escolas públicas. Tivemos apenas um caso em que uma aluna havia estudado todo o ensino fundamental e o 1.º ano do ensino médio em uma única escola privada, quando foi aprovada naquela seleção de 2020. Outros três alunos também declararam ter cursado o 1.º ano antes de ingressarem no Ifes, no entanto, eles frequentaram escolas públicas municipais durante o ensino fundamental e escolas estaduais durante o ensino médio.

No geral, era notória a satisfação dos estudantes ao terem a oportunidade de compartilhar essas informações — poderiam ser mais sucintos, mas seus discursos tornaram-se cada vez mais

detalhados e críticos em relação a suas vidas acadêmicas. Aspectos como a localização da escola, sua natureza pública ou privada, e suas infraestruturas físicas e pedagógicas foram abordados, fazendo relação com as instalações do Ifes. As salas climatizadas e a limpeza (banheiros em destaque) ganharam o “riso em coro”. Mas, logo os rostos ficaram franzidos quando se lembraram que não tinham quadra poliesportiva e que o campus tem um antigo e grave problema acerca de sua estrutura física. Sem fazer comparações, demonstraram admiração pelos professores, fazendo alguns comentários sobre a autonomia que ganharam no EMI. A primeira, e em destaque, foi a autonomia de sair da sala sem precisar pedir ao professor, onde logo perceberam o peso da responsabilidade e necessidade de voltarem para sala o mais rápido que pudessem. Declararam sentir falta de atividades ou exercícios de fixação de conteúdos, contudo, disseram entender que os professores os direcionaram a estudar por meio de pesquisas e trabalhos avaliativos.

Observação: ao se contar a história vivida, despertamos lembranças e podemos contribuir para a construção da memória real da nossa cultura. Ao imaginarmos histórias não exatamente vividas, mas sentidas por nós, podemos construir textos literários e fazer poesia, onde se misturam memórias inventadas e memórias reais.

A partir desse pensamento, passamos a conversar sobre a possibilidade de escreverem suas histórias, com perspectivas estudantis ou não. Caso optassem por compartilhar suas vivências estudantis, poderiam contribuir para que novos ingressantes ti-

vessem mais informações sobre a vida do estudante no ensino médio, do que estes tiveram quando chegaram ao ambiente escolar.

Foi nítido o senso de responsabilidade social. Parecia que contribuir com os colegas, que nem conheceram e que talvez nunca conhecerão, era o que mais importava. Isso se mostrava mais importante do que registrar suas vivências/culturas e construir um objeto de identidade e memória. Em uma das turmas, teve quem se atentasse à possibilidade deste produto educacional se tornar um *best seller*. Foi questionado para quem seriam destinados os ganhos financeiros, se assim fosse. No mesmo tom de brincadeira, mas falando sério, informamos que os textos eram individuais, mas o livro seria de domínio público.

Além do que está exposto no resumo acima, observou-se que eles tinham e queriam falar mais, porém o tempo se finalizou. E esse “a mais” pode estar nas entrelinhas dos textos, contos e poemas que eles escreveram posteriormente, em outro encontro, ao final da pesquisa. Se o leitor ainda não os leu, estão disponíveis na Parte 1 deste livro. Ao tentar decifrá-los, algumas vezes podemos ouvir aquele riso.

Segunda roda de conversa

Tema: Conceitos de arte, cultura, literatura e trabalho; leituras e discussões sobre contos, crônicas e poesias.

Objetivo: Estimular discussões e reflexões sobre os conceitos de Arte, sobretudo a arte literária; articular os aspectos da arte e cultura aos processos intelectuais e produtivos no mundo do trabalho; motivar os participantes a pensarem sobre a escrita de textos para publicação de uma coletânea de contos, crônicas e poesias.

Tempo estimado: três aulas de 50 minutos cada.

Turmas:

- 1) 4.º EIV – 4.º ano do ensino médio integrado (EMI), do curso técnico em eletrotécnica, do turno vespertino;
- 2) 4.º EIM – 4.º ano do ensino médio integrado (EMI), do curso técnico em mecânica, do turno vespertino.

Destaca-se que tentamos manter o máximo de similaridade entre os planos de aula para ambas as turmas, contudo, planejamos leituras de contos diferentes: “Rosa-bebê”, de José Falero (2019), para a turma 1; e “Maria”, de Conceição Evaristo (2014), para a turma 2.

As conversas

A conversa inicial sobre os conceitos de arte, cultura, literatura e trabalho foi articulada de forma a valorizar os conhecimentos prévios. Seguindo essa dinâmica e metodologia, seguem alguns trechos das falas dos estudantes (seus nomes estão preservados e substituídos por nomes de artistas):

“... Enfim, o que eu vejo muito é que as pessoas acham, até pessoas mais velhas com quem eu já conversei, acham assim: que a disciplina Arte é inútil na formação do aluno, porque “Ah, a pessoa só fica lá desenhando”. De fato, eu no meu fundamental, eu só desenhei. Eu não tive um ensinamento sobre... corretamente, tipo assim, os tipos de arte, como ela é tratada..., não foi me apresentado. Eu tive que pesquisar e descobrir por mim mesmo. Não foi uma coisa que a escola, em parte, me deu total,

mas não me deu conhecimento para distinguir o que era arte. Eu só sabia “Arte é um desenho”. Mas, enfim, a arte ela é complexa porque tudo pode ser arte e ao mesmo tempo ela se interliga com várias outras áreas como a música, a pintura; então, uma vez que eu estava assistindo um filme e aí eu ouvi uma música nesse filme (...), e aí escutando essa música eu descobri que um filósofo foi influenciado (...), e depois várias outras coisas a partir desse filme se interligaram na área de filosofia. Pra mim, então, tipo assim, vendo o filme me ligou à música, que me ligou à filosofia. Então, é uma coisa complexa, é uma coisa que deveria ser, digamos, ensinada a ter “esse...”; não que deveria ser obrigatório, mas seria interessante você ver uma obra, ouvir uma música, ler um texto e saber os fundamentos daquilo, sabe? É interessante as pessoas terem essa curiosidade de onde surgiu aquilo ou então se tem base em alguma coisa que seja cultural, que seja visual, alguma pessoa, alguma referência. Porque foi o que eu tive vendo esse filme (...). As instituições deveriam focar mais nisso, porque é uma área que..., aqui no Ifes mesmo a gente teve um ano só de Artes, né? E é pouco tempo para as pessoas estudarem e terem conhecimento sobre o que é a arte em si.”

Renato Russo

“A arte (...) é uma manifestação das suas experiências, da sua vivência..., pode ser uma temática que você quer abordar ou não... tipo assim, você pode fazer uma arte baseada em música ou literatura... aí, se você for fazer música, tem algumas vertentes que você pode seguir ou algum estilo que você gosta; você pode até fazer algo novo, mas vai ser sempre com base em alguma experiência que você tem, e vivência...”

Maria Bethânia

“A pintura... vi que tem muita questão de técnica, não é tipo, simplesmente a pessoa vai lá e faz o que vem na mente dela; tem muita técnica a respeito das cores, a pintura, os elementos, a forma que você coloca, tudo importa. Então, na verdade, a arte não é simplesmente só a criatividade, tem muita técnica, muito estudo. Então, se você for uma pessoa da área (...), você consegue interpretar. Eu, como não tenho muito conhecimento a respeito da arte, não consigo perceber tão fácil assim, mas realmente, exemplo, na pintura a arte é algo bastante complicado de trabalhar. Você tem que realmente estudar para conseguir fazer arte. Não é qualquer coisa que é arte.”

Chico Buarque

“Geralmente a arte não é muito reconhecida como trabalho, então, isso não é muito comum, não é muito usual, ou então, se ela for um trabalho, ela não é tão reconhecida, ou pode ser muito precarizada também. Um exemplo é o caso dos animadores, por exemplo, é um trabalho que exige muito e demanda muito tempo, muito esforço, e não é bem remunerado, não é bem reconhecido. A gente assiste uma animação e a gente nem sabe quem tá por trás ou como aquilo foi feito, enfim.”

Marisa Monte

A maioria dos estudantes se referiu ou concordou com a definição de que a arte é uma forma de expressão das ideias do artista, e todos os presentes contribuíram, mesmo que com uma única frase, para que a roda de conversa tivesse uma dinâmica exitosa.

A partir dos comentários, das dúvidas, das perguntas, ou seja, das várias formas que os estudantes demonstraram interesse pelo tema, aprofundamos a conversa sobre os conceitos de arte,

cultura, literatura e trabalho. Assim, trouxemos para a discussão a complexidade das definições de arte, presentes nos dicionários, que abrangem diversos tipos e concepções artísticas. Segundo Viana (2018), a concepção de cultura é complexa, mas podemos concordar que cultura é um conjunto de produções intelectuais; que literatura pode ser “qualquer texto, mesmo não consagrado, com intenção literária visível num trabalho de linguagem e da imaginação, ou simplesmente esse trabalho enquanto tal” (Geraldi, 2014. p. 21); e que o trabalho é uma forma de realização humana.

As leituras

4º EIV

Era preciso iniciar agradecendo a participação daqueles estudantes, principalmente pelas contribuições que fizeram na aula anterior. Após, apresentamos o conto “Rosa-bebê”, de José Falero. O texto estava com quatro marcações a fim de que a leitura fosse feita de forma coletiva, por quatro voluntários, integrantes da roda, que deveriam ler em voz alta. Logo alguns estudantes se dispuseram e iniciamos a atividade. A leitura foi impactante, trazendo muitas reflexões sobre violência, falta de informação, desumanidade (fazendo uma relação entre o avanço da tecnologia e o comportamento humano) e, sobretudo, refletindo como esses fenômenos são peculiares à classe mais pobre. Ao trazer esse texto de apenas seis páginas, nosso objetivo era mostrar como o conto é rico em sua composição. Com poucos personagens, mostra um único conflito, mas é capaz de apresentar diversos cenários e surpreender o leitor de forma impressionante. Para aliviar, passamos a ler outro conto: “Autoestima”, de autoria desta pesquisadora

(disponível na Parte 1). Neste, havia seis marcações para a leitura dinâmica. Sinalizamos que poderiam observar demasiada crueza de sentimentos na protagonista, que em determinada parte do texto poderia causar constrangimento em quem fosse mais tímido em relação a assuntos sobre sexo. Sorriram, discordaram de que poderiam ficar constrangidos, mas não decidiram quem iria ler. A pesquisadora se dispôs rapidamente. Foi interessante fazer a leitura e compartilhar a experiência, mostrando que podemos construir nossos textos, com nossos cenários, com nossos personagens e suas identidades, objetivos, obstáculos, desfechos e outros.

4º MIV

Foi preciso iniciar agradecendo a participação desses estudantes, principalmente pelas contribuições que fizeram na aula anterior. Após, apresentamos o conto “Maria”, de Conceição Evaristo. O texto estava com duas marcações a fim de que a leitura fosse feita de forma coletiva, por dois voluntários, integrantes da roda, que deveriam ler em voz alta. Assim que os estudantes se dispuseram a ler, iniciamos a atividade. A leitura foi impressionante, trazendo muitas reflexões sobre violência, falta de informação, desumanidade, preconceitos, e sobretudo, refletindo como esses fenômenos são peculiares à classe mais pobre. Ao trazer esse texto de apenas quatro páginas, nosso objetivo foi mostrar como o conto é rico em sua composição. Com poucos personagens, mostra um único conflito, mas é capaz de apresentar diversas cenas e surpreender o leitor a cada parágrafo. Depois passamos a ler o outro conto: Autoestima, de autoria desta pesquisadora (disponível na Parte 1). Neste, havia seis marcações para a leitura dinâmica. Sinalizamos que poderiam observar demasiada crueza de

sentimentos na protagonista, que em determinada parte do texto poderia causar constrangimento em quem fosse mais tímido em relação a assuntos sobre sexo. Um aluno se dispôs a ler esta parte. Durante a leitura, não houve nenhuma intercorrência, senão risos por parte de alguns colegas. Nessa turma, as atitudes da personagem foram criticadas e a identificação das cenas na cidade de São Mateus parece ter mexido positivamente com os ânimos de alguns estudantes, no sentido de se perceberem inseridos na realidade da literatura. Foi interessante fazer a leitura e compartilhar a experiência, mostrando que podemos construir nossos textos, com nossos cenários, com nossos personagens e suas identidades, objetivos, obstáculos, desfechos e outros.

É importante salientar que, para mediar essa roda de conversa, a pesquisadora realizou leituras e estudos sobre os contos apresentados a fim de que pudesse conduzir melhor a atividade nos momentos de necessidade de retorno aos textos, de dúvidas e outros. Ressalta-se que não foi necessário interferir para que a roda de conversa tivesse engajamento, entretanto, elaborou-se um ensaio/resenha sobre os contos “Maria”, de Conceição Evaristo; e “Rosa-bebê”, de José Falero. Esse ensaio intitulado “Vidas e Valores”, não utilizado na íntegra com os alunos, está disposto no subitem deste capítulo.

VIDAS E VALORES

O que difere o homem dos animais?

Estudos baseados nos manuscritos marxianos dão conta que os homens se distinguem dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. No entanto, a própria humanidade começa a se diferenciar dos animais a partir dos seus modos de vida e, conseqüentemente, por meio de suas relações sociais.

Os contos intitulados “Maria”, de Conceição Evaristo (2014), e “Rosa-bebê”, de José Falero (2019), são duas obras literárias que se aproximam da realidade, descrevendo alguns modos de vida, experiências do cotidiano e cenas típicas da periferia brasileira.

Maria é uma mulher negra, mãe solo de três filhos homens e trabalhadora doméstica. Uma mulher cansada e ferida, a caminho de casa, em um final de segunda-feira. Leva nas sacolas o que recebeu em troca de seu trabalho e de sua pobreza; para dar aos filhos gripados remédios e, a todos eles, os melhores alimentos possíveis e um pouco de doçura.

Mulher que, mesmo cansada, deseja sexo e quer se sentir viva como qualquer outro ser humano. Entretanto, por ser mulher, esse direito muitas vezes é visto como atrevimento, como algo indigno a ela, e, portanto, se ocorre um erro ou uma gravidez, a responsabilidade é somente dela.

Quanto ao protagonista do conto “Rosa-bebê”, não tenho detalhes sobre sua história de vida. Sabe-se que também é pobre, de periferia, e mais uma vítima de juízo de valor, que culmina num ato de “justiça feita com as próprias mãos”.

Para contar essa história, Falero constrói um narrador que a desenvolve esmiuçando um trauma de sua infância (ou de sua

adolescência) enquanto demonstra como os avanços tecnológicos andam na contramão da capacidade do poder público em proteger os interesses, a vida e os valores da sociedade moderna. São cenas de impacto que surpreendem esse narrador a cada parágrafo. Ele está em uma praça, com um amigo, quando chegam homens armados, pessoas curiosas, pessoas furiosas, polícia omissa, cachorros sarnentos...

“... não fosse aquele pedaço de mundo tão desprovido de glamour, tão inóspito, tão abandonado, tão afastado das notícias importantes, não fosse tudo isso, qualquer um poderia jurar que se esperava naquelas redondezas a aparição do maior astro de rock de todos os tempos, ou a aparição do próprio papa.”

A “tecnologia dos pobres” é a explicação para que tamanho evento fosse possível em tão pouco espaço de tempo. Embora o autor utilize o termo tecnologia, ela não avança para as áreas da educação, da medicina, da astronomia... ela se limita a celulares, computadores e internet: aparelhos com capacidade de disseminar tanto informações quanto notícias falsas em questão de segundos. Fala da tecnologia acessível, que pode ser arma nas mãos da ignorância, que corta como faca a laser.

Nesse ponto, “Rosa-bebê” converge novamente com “Maria”. Quando vozes desumanas soam mais alto, a covardia fala nesse mesmo tom e já não se consegue distinguir os homens dos animais.

A ambientação se desenrola nos becos da favela, por onde o homem tenta fugir daquela multidão, talvez devido a um crime que cometeu. O cenário de Maria é outro, um ônibus, depois de um dia inteiro de trabalho, onde poderia recostar a cabeça. Pensamentos de paz e não de mal passam por ali, quando, de repente, ela é surpreendida com a presença de um ex-companheiro, pai do seu primeiro filho e ainda com enorme capacidade de mexer com

seus instintos de mulher.

Pouco tempo depois, ela é surpreendida por um assalto, depois por acusações infundadas e, em seguida, por um tapa no rosto... Sente raiva, sente medo, sente dor, sente saudade..., lembra de seus valores, lembra de seus filhos..., até não se lembrar de mais nada.

Enfim, são contos que se desenrolam em diferentes tempos, com diferentes personagens, mas com pontos em comum, além dos que sinalizei anteriormente. O personagem de Falero é um anônimo, e Maria é uma trabalhadora, ambos providos de direitos constitucionais, contudo, resta-lhes a violência clara e gratuita.

Conceição Evaristo. *Olhos d'água*. Editora Pallas
José Falero. *Vila Sapo*. Editora Todavia

AS OFICINAS E OS DESAFIOS

Neste momento, o título deste capítulo pode induzir o leitor a imaginar que os desafios da experiência coincidiram com a etapa final, no terceiro e último encontro, quando foram realizadas as oficinas para escrita dos textos. Porém os desafios foram diversos e apareceram desde o início, desde as primeiras ideias pensadas para a realização da pesquisa.

Nada foi mais natural, constante e prazeroso na vida da pesquisadora que escrever; mas agora era preciso escrever conforme as normas técnicas, com os modelos acadêmicos, e para publicação. Esse desafio foi amenizado quando este projeto de pesquisa passou pelas aprovações do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos e, logo depois, pela banca de qualificação do ProfEPT.

A ideia de desenvolver uma proposta utilizando a escrita de contos, crônicas e poesias acendeu a luz nos olhos, o brilho necessário, declarado por uma professora na aula inaugural do ProfEPT, do Ifes – Campus Vitória, do ano letivo de 2022. A paixão da pesquisadora pela leitura de contos e pela escrita literária desvencilhou o seu currículo duro com formação nos cursos técnico em mecânica, de graduação em Licenciatura em Física, e especialização em docência do ensino superior, sem jamais ter atuado em sala de aula.

O novo percalço agora era a aplicação da pesquisa e, para tanto, era preciso apresentar o projeto, convencer os professores e alunos a participarem de atividades que exigiam deles cooperação, sensibilidade e comprometimento para desenvolverem estratégias na produção de textos literários com o objetivo de promo-

ver arte e cultura na EPT, dentro daquele contexto em que estavam inseridos. Estudantes de cursos técnicos em eletrotécnica e mecânica, integrados ao ensino médio — cursos com quatro anos de duração, com carga horária obrigatória de 3.600 horas, organizados em componentes curriculares da base nacional comum e do núcleo profissional. Diante da realidade desafiadora, percebem que o esforço é o mínimo, necessário, para que consigam uma vaga nos concorridos cursos superiores nos quais declararam, senão a maioria, que almejam estar inseridos nos próximos anos letivos.

Nesse cenário, fazia sentido propor àqueles formandos a publicação de uma coletânea de contos, crônicas e poesias, onde poderiam deixar suas marcas, suas lembranças e suas memórias ali expressas. Também era sinônimo de mais uma tarefa para esses jovens, que há três anos não estudavam sobre Arte em sala de aula. Aliás, quando a cursaram, no 1.º ano, o ensino estava adaptado, na modalidade on-line, devido à pandemia da Covid-19. Esse sentimento de perda foi percebido algumas vezes durante as rodas de conversa e nos textos literários. É possível que esses fatores, também para eles, foram determinantes para que aceitassem e cumprissem conosco esse percurso desafiador.

Quando o planejamento das atividades práticas estava pronto e as aulas de intervenção agendadas, já no primeiro encontro, surgiram necessidades de mudanças de datas, de horários, de salas. Toda alteração feita foi ajustada de forma a atingir as duas turmas, pois buscamos aplicar a experiência de forma similar em ambas as turmas a fim de observar se os resultados seriam diferentes.

O segundo encontro ocorreu uma semana antes do Exame Nacional do Ensino Médio – Enem, quando sentimos a ausência dos alunos na escola. As turmas ficaram reduzidas pela metade e parecia que aquele era um fenômeno natural, *porque os alunos do*

4º ano neste momento estão dedicados quase que exclusivamente para o Enem e, depois dessa fase, alguns deles só voltam à escola para cumprir os dias letivos e para não reprovarem por falta.

Chegamos ao terceiro e último encontro de cada turma para realizar as oficinas de escrita de contos, crônicas e poesias, e a maioria dos nossos estudantes estava presente; e a maioria dos presentes, motivados a escrever os textos. Foi assim que juntos construímos a Parte 1 deste livro e adquirimos o conteúdo que foi desenvolvido nesta segunda parte.

Escrever este último capítulo e este parágrafo evoca um misto de sentimentos. Reconhecemos que o que foi realizado, com seus pontos altos e baixos, é o início de um trabalho que depende de novos encontros com leitores, com escritores, com educadores, com pessoas que o compreendam como um produto educacional ainda em construção, sempre em construção.

APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes da versão final, este livro teve um protótipo impresso e esteve, literalmente, nas mãos dos participantes da pesquisa. Assim, com o propósito de avaliação, realizamos um grupo focal (FG) e iniciamos o processo de validação deste produto educacional.

Considerando que o objetivo geral da pesquisa foi desenvolver estratégias na produção de textos literários a fim de promover arte e cultura na educação profissional e tecnológica dentro do contexto em que foi aplicado o estudo, elaboramos três questões para investigação.

Esse questionário demarcou nossa busca quanto à relevância da pesquisa em relação à formação profissional e tecnológica, a construção do produto educacional, e a promoção de arte e cultura por meio da produção de textos literários. Seguem as questões:

1. Considerando as quatro dimensões da Educação Profissional e Tecnológica – Trabalho, Ciência, Tecnologia e Cultura, tendo o trabalho como princípio educativo e a cultura como dimensão indissociável, como você considera que esta experiência com produção literária em sala de aula pode contribuir na formação dos participantes?
2. Observa-se que, durante os três encontros, houve uma valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes, que puderam compartilhar suas experiências/vivências/culturas nas rodas de conversa e oficinas, bem como puderam

falar, discutir e perguntar sobre os conceitos de arte, cultura, literatura e trabalho. Na sua opinião, como seria possível desenvolver outras apresentações de arte e cultura utilizando essa mesma metodologia?

3. O livro apresenta seu conteúdo organizado em duas partes: uma coletânea de contos, crônicas e poesias; e um relatório sobre o processo de construção do produto educacional realizado na aplicação da pesquisa. Essa estrutura tem o intuito não apenas de proporcionar ao leitor a possível replicação da experiência, mas também de incentivar que os produtos educacionais sejam mais criativos e signifiquem mais que simples objetos/recursos/materiais de utilidade. Comente sobre esta proposta.

Visto o que descrevemos no capítulo anterior sobre o desafio de motivar os alunos formandos ao final do ano letivo, quando, além do Enem, estão se organizando para entregas das últimas avaliações disciplinares, para confraternizações e para a cerimônia de formatura, arriscamos convidar as duas turmas a participarem do GF.

Dessa forma, obtivemos no grupo focal, seis participantes. Nesta etapa, contamos também com a participação de uma servidora técnica administrativa, que colaborou como mediadora do encontro, lendo as perguntas e organizando os momentos de fala de cada estudante.

Era nítida a satisfação dos participantes em terem este produto educacional em suas mãos. Foi gratificante observar suas reações a cada folha que viravam, buscando seus textos, os textos dos colegas e descobrindo novas perspectivas acerca do projeto de pesquisa.

Assim, a produção de dados para análise do estudo foi se

ampliando para além dos textos literários e falas registrados em sala de aula.

Ao final, conforme apresentamos no item 5 da dissertação (Produção e Análise de dados), respondemos ao problema da pesquisa: “Como a produção de textos literários podem contribuir na formação profissional e tecnológica?” Não de forma simples, categorizamos a formação humana, o conhecimento prévio, a replicação da pesquisa e o produto educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CAPES. **Documento de Área - Ensino**, Brasília, 2013. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/Administracao_doc_area_e_comisso_16out.pdf. Acesso em: 2 ago. 2023.

BRASIL, CAPES. **Documento de Área – Ensino**. Brasília, 2019a. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ENSINO.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2023.

BRASIL, CAPES. **Grupo de trabalho Produção Técnica**. Brasília, 2019b. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ENSINO.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, R. Produtos educacionais na área de ensino da Capes: o que há além da forma? **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 5, n. 2, p. 5-20, 2021.

FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M; RAMOS, M. N. (org.). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. 3. ed. São Paulo. Cortez, 2012

KAPLÚN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. **Comunicação & Educação**, n. 27, p. 46-60, 2003.

RABELLO, R. Informação institucionalizada e materializada como documento. **Brazilian Journal of Information Science**, São

Paulo, v. 13, n. 2, p. 5-25, 2019. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/8932/5737>. Acesso em: 12 set. 2023.

RIZZATTI, I. M. *et al.* Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **Actio: Docência em Ciências**, v. 5, n. 2, p. 1-17, 2020.